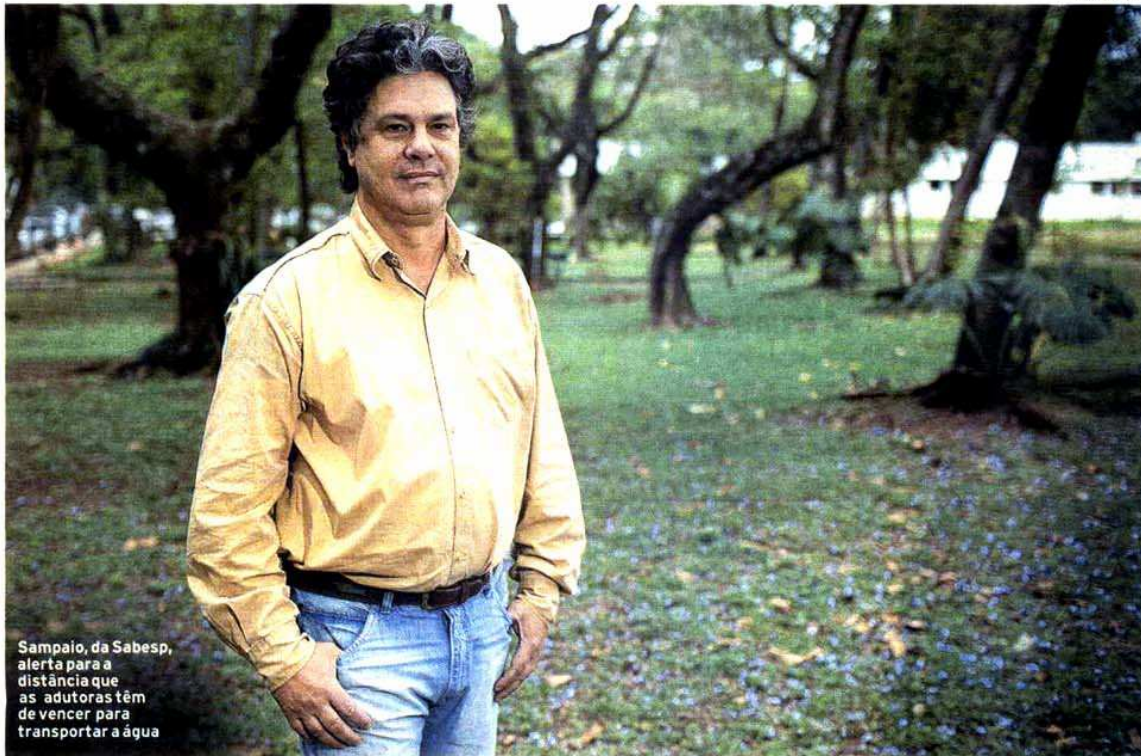




ABASTECIMENTO



Sampaio, da Sabesp, alerta para a distância que as adutoras têm de vencer para transportar a água

Distribuir é mais caro que tratar

Além do reúso, a Sabesp investe na redução do consumo, uma vez que o brasileiro gasta o dobro da água utilizada por ingleses ou alemães

TEXTOS DENISE RIBEIRO

Levar água tratada até a torneira, seja a de uma casa ou a de um parque industrial, representa o custo mais alto das concessionárias de serviços de saneamento. Nas regiões metropolitanas, o adensamento populacional e a ocupação desordenada do solo têm obrigado essas companhias a buscarem água em fontes cada vez mais distantes. “Construir adutoras para transportar a água, sai muito mais caro que o tratamento”, atesta o engenheiro ambiental e sanitarista Américo Oliveira Sampaio, superintendente de pesquisa e desenvolvimento tecnológico da Sabesp.

A companhia paulista é uma das sócias da empresa de produção de água de reúso industrial Aquapolo Ambiental, criada para abastecer o Polo Petroquímico de Capuava, na Grande São Paulo. Apenas na construção de uma adutora de 17 km, que sai da divisa de São Paulo com São Caetano e vai até o município de Mauá, foram consumidos mais de R\$ 345 milhões — 90% do valor total do investimento. “O custo teria sido ainda maior, se não tivéssemos pego ‘carona’ no traçado já existente de uma linha de trem —, medida que evitou desapropriações”, garante Sampaio.

Apesar de altíssimo, o custo ainda é menor do que o risco de ficar sem água. “Está valendo a pena, em função da carência de recursos hídricos na Região Metropolitana de São Paulo. Temos quase 20 milhões de pessoas morando na cabeceira, basicamente na nascente do Rio Tietê, nossa grande fonte de água. Por isso temos de recorrer a outras bacias. Mesmo assim, em três ou quatro delas a situação é crítica, porque a demanda já superou 80% da disponibilidade”, alerta.

O novo negócio, voltado ao reúso industrial, é visto pelo especialista como estratégico para a Sabesp. “Além de ser uma área em crescente expansão, a água de reúso industrial tem o mérito de liberar água potável para usos mais nobres. É importante para a Sabesp entrar nesse setor vital para o crescimento de um Estado, como São Paulo, onde as indústrias se instalaram caoticamente e em locais distantes das nossas estações de tratamento”, avalia o especialista.

Na tecnologia de reúso agrícola, a Sabesp investe há 10 anos em pesquisas capitaneadas pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), da USP, que mantém campos experimentais de café, cana, milho,

pupunha e até flores. “Entre 60 e 70% da água de São Paulo vai para a irrigação, e ela pode ser substituída por água tratada, em que se mantêm elementos como fósforo, nitrogênio e potássio, abundantes nos efluentes. Nos rios, esses macronutrientes benéficos às culturas causam proliferação de algas”, explica Sampaio.

Outra frente de investimento da Sabesp é a conservação da água. Numa ponta, o esforço se concentra na redução do consumo, uma vez que o brasileiro gasta praticamente o dobro da água (200 litros/habitante/dia) consumida por alemães e ingleses, por exemplo. Estão em andamento campanhas de conscientização sobre o uso racional da água e sobre a necessidade de se optar por aparelhos economizadores — dos chuveiros com menor vazão a válvulas sanitárias com duplo estágio.

Em outra ponta, a companhia começa a atacar outra área historicamente frágil em seu sistema: a de perdas físicas. Um financiamento de R\$ 1 bilhão, que conta com o aporte de investidores japoneses, será destinado a projetos de melhoria das redes de distribuição para diminuir vazamentos — em torno de 15%, segundo o engenheiro — e outras perdas. “Atualmente nossa perda total está em torno 28%; nosso objetivo é baixar para 22%”, estima Sampaio.

A perda total inclui, além dos vazamentos, as perdas não físicas, também chamadas de perdas de faturamento porque decorrem de ligações clandestinas ou não cadastradas e de hidrômetros parados ou fraudados.

■ **DESPERDÍCIO**
Vazamentos representam perdas de

28%

■ **IRRIGAÇÃO**
A agricultura é a grande consumidora de água em SP, atingindo até

70%